



REP's - Revista Even. Pedagóg.

Número Regular: Documentação Pedagógica: experiências com projetos

Sinop, v. 9, n. 1 (23. ed.), p. 412-424, jan./jul. 2018

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

A EDUCAÇÃO E A CRIANÇA AUTISTA¹

Sueli Regina Ramos

Universidade do Estado de Mato Grosso, Sinop/MT - Brasil

RESUMO

Este artigo discute a dificuldade encontrada pelo profissional da Educação frente à Criança Autista. Teve como objetivo entender o autismo e o direito a inclusão desses alunos sem uma unidade escolar do município de Sinop, Mato Grosso. Utilizou-se as metodologias de caráter qualitativo, por meio de questionários para professores, alunos e seus familiares. Os resultados apontam que é dever da escola matricular todo aluno, independente do grau de dificuldade, e cabe à mesma se organizar e oferecer uma educação de qualidade para todos.

Palavras-chave: Educação Especial. Autismo. Aluno. Professor.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, nosso país vive um período de reestruturação nos métodos de ensino para as crianças e abre as portas para a inclusão daquelas com necessidades educacionais especiais. Escolas particulares e instituições públicas vêm desenvolvendo possibilidades para que essas crianças possam fazer uso de seus direitos e atender às expectativas das crianças com necessidades especiais, é de extrema importância na condução e inclusão.

Cabe à escola se adequar à inclusão, partindo inicialmente da reestruturação do ambiente educacional onde se deve ter um tratamento diferenciado e correto no

¹ Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **OS DESAFIOS ENCONTRADO PELOS PROFESSORES FRENTE A CRIANÇA COM AUTISMO**, sob orientação do Dr. Marion Machado Cunha, Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2017/2.

processo de ensino desses alunos. O professor da rede regular de ensino desempenha papel relevante quando a questão é o acesso do aluno ao conhecimento, especificamente quando há aluno autista na turma, o professor precisa utilizar-se de instrumentos diferenciados de ensino para realizar a mediação, de modo que o desenvolvimento do aluno seja eficaz.

Sobre isto, Rodrigues e Spencer (2010, p. 101) afirmam que: “É justamente neste aspecto que o professor deve intervir como mediador, fazendo com que o aluno autista consiga aceitar a mudança e atuar sobre a mesma”. A educação especial atualmente está vivendo em uma época onde há uma preocupação sobre a inclusão onde há uma legislação específica para inclusão, sabemos que não basta somente matricular os alunos, mas sim utilizar práticas pedagógicas para o melhor anseio do educando. A inclusão é o caminho para que os alunos especiais tenham condições efetivas onde possam aprender, e desenvolver, então faz-se necessário que os alunos tenham um sistema de ensino há qual eles possam se prevalecer e potencializar, respeitando suas dificuldades. Cada vez mais as pessoas estão sendo diagnosticadas com algum nível de necessidade especial. Portanto surgem novos problemas sob os quais implicam as inovações e relações pedagógicas. Afirma Santos (2010, s/p) que:

Cada aluno possui uma necessidade educacional especial específica, pois ela está intimamente relacionada à interação entre este aluno com os conteúdos a serem aprendidos. A necessidade educacional especial é individual e não é característica homogênea de um grupo também homogêneo, assim os recursos didáticos, metodologias, o currículo, entre outros, muitas vezes precisa ser diferenciado, num tempo e num espaço específico.

Falar em educação parece tarefa difícil quando se trata de criança com autismo e muito mais complicado pois a inclusão não está totalmente vivenciada nas escolas públicas por falta de conhecimento da sociedade de forma geral, ou ausência de professores qualificados que por sua vez acabam recebendo esses alunos sem o preparo devido, no entanto, o trabalho aqui desenvolvido refere-se a uma abordagem dos desafios do professor encontrados na educação frente à temática tão importante que é o autismo. Mas ao falarmos do tema tão importante que é o autismo surge a necessidade de uma investigação para apurar quais seriam os desafios encontrados pelos professores frente a crianças diagnosticadas com

autismo, onde por sua vez o presente artigo mostra de forma cristalina a pesquisa realizada em uma escola municipal da cidade de Sinop/MT, mostrando a atual face da educação pública e inclusiva em relação aos professores pesquisados sobre o tema.

2 O QUE É O AUTISMO

Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição geral de desenvolvimento do cérebro antes, durante e ao longo do tempo após o nascimento. Esses distúrbios se caracterizam pela dificuldade na comunicação e no social-sintoma que ocorre entre aos primeiros anos de vida, até os três anos de idade e persistem durante a vida adulta. A evidência do autismo é de cinco a cada mil crianças que nascem sendo mais comum no sexo masculino na razão de quatro homens para cada mulher.

A origem do autismo é desconhecida, embora o estudo realizado aponte para um forte componente genético. Não há um padrão de herança ou características, mesmo que o autismo seja condicionado por um mecanismo multiaxial. As causas do autismo ainda são desconhecidas por alguns autores, uns dizem se tratar de alterações estruturais ou funcionais do cérebro, mas há ainda pesquisadores investigando as relações entre hereditariedade genética, e dificuldades de compreensão. Os autistas apresentam comportamentos tais como a fixação por alguma parte do corpo ou até mesmo por algum brinquedo principalmente os que têm brilho ou giram. Segundo Rodrigues e Spence (2010, p. 21):

Quando o autista se encontra diante de algum membro da família ele age de uma forma, mas quando ele se encontra diante de situações adversas ele apresenta um tipo de comportamento, mais quando ele se vê só entre estranhos é mais preocupante, por parte dos profissionais nestes casos as birras e as manias são muito frequentes as vezes se tornando até mesmo agressivo, diante dessas situações muitas as vezes eles se prendem no seu mundo do nada.

2.1 COMO IDENTIFICAR O ALUNO AUTISTA

Existem vários sinais que precisam ser levados em conta tratando-se de criança autista não demonstram afeto materno, estão sempre com olhar perdido,

também não estranham pessoas que não são do seu convívio, aceitam colo de outras pessoas sem questionar, choram sem motivo um choro ininterrupto inadequado e constate, se incomodam com toque, com sons, ausência da fala e uma aparente surdez, com movimentos estereotipados de tronco e de mãos e cabeça, transtornos de linguagem, de socialização e comportamento repetitivo.

Segundo Jose Salomão Schwartzman “O transtorno espectro autista merecem uma atenção especial e até de uma atenção multidisciplinar para sua identificação; correta avaliação com profissionais especializados”. Segundo Rodrigues e Spence (2010, p. 23).

A incapacidade de estabelecer relações e reações sobre o toque ou sobre qualquer mudança de rotina e não a obsessão da linguagem ou na obcecado em manter sempre o mesmo ritmo e manter tudo no lugar sem que nada seja mudado onde as rotinas tem que ser seguida à risca, sabem se que todos os autistas são diferentes o tratamento que se usa com um não servem para o outro.

3 AS DIFICULDADES PEDAGÓGICAS COM O ALUNO AUTISTA

Quando o professor assume uma sala especialmente quando há alunos com autismo ou com qualquer grau de necessidade especial já começa a dificuldade, precisa usar de estratégias para lidar com o diferente em sala porque não se trata de apenas um aluno, mas sim de uma turma com mais ou menos trinta alunos. Neste caso o professor deve estar ciente que esse aluno necessita seguir uma rotina diária, intervindo como mediador fazendo com que o aluno autista se inclua.

No entanto, ao se tratar de educação especial não cabe somente ao professor o sucesso da prática docente, pois nem sempre as escolas oferecem estruturas físicas suficientes e adequadas para estas tarefas serem realizada de maneira plena.

Na Lei 7.853/89 da LDB, garante que nas escolas regulares acolham tantos alunos normais quantos alunos especiais. Mas hoje, as escolas não estão preparadas para esses alunos, porém a inclusão não é efetiva, normalmente por leis de modismo ela deve ser efetivada pelo processo de ações, intenções, compromissos e diálogos entre os professores e profissionais da educação, com

planejamento e inclusão da comunidade, e da família num processo que vai incentivar a inclusão de integração de alunos que estão dentro da sala de aula.

3.1 COMPREENDER AS ATIVIDADES PEDAGÓGICAS DOS PROFESSORES COM CRIANÇAS AUTISTAS

As atividades trabalhadas em sala de aula são métodos visuais, usando cartazes, seguindo uma rotina de trabalho em forma de memorização. Por meio do convívio com os demais fortalece-se o social. Com o uso de recursos como o recorte confecção de cartazes, dobradura, pintura, jogos e outros recursos na sala de informática melhora-se a coordenação motora, pois a maioria dos alunos autistas possui habilidades em informática. É importante estar atento às fases e no comportamento, visto que, cada autista possui práticas educativas diferenciadas. Durante as atividades o mais importante é o que esse educando dentro destes espaços absorva significativas formas de aprendizagem.

3.2 INCLUSÕES: discussões necessárias

A partir do momento que o professor se depara com o desafio de ter um aluno autista em sua sala de aula, é necessário que o profissional de ensino organize o espaço a ser trabalhado de tal maneira que ele consiga ensinar o restante da turma, pois, o educando que sofre com autismo consegue responder os sistemas organizados. Desta forma Alves, (2002, p. 60) esclarece:

É necessário que o mestre compreenda que as dificuldades de linguagem receptiva (compreensão das mensagens ouvidas) são características deste distúrbio e que muitas vezes o aluno pode não entender a mensagem quando o professor está acreditando que ele esteja entendendo, causando assim, uma reação de agressividade ou de falta de iniciativa. Pode acontecer também que a criança não possua linguagem suficiente para comunicar verbalmente ao professor que está cansado, com fome, com sede, exceto através de birras ou birraças.

É fato que quando há inclusão de alunos autistas em uma turma causa uma mudança de perspectiva educacional; pois no ponto de vista de Alves (2002), não se limita apenas em ajudar somente os alunos que apresentam dificuldades na escola,

mas apoia a todos: professores,

4 CAMINHOS DA PESQUISA

Buscando analisar como a teoria se manifesta no cotidiano escolar, e através de pesquisa de campo apontar como se dá a inserção do aluno autista na rede pública de ensino do município de Sinop e verificar quais as dificuldades que os professores encontram frente a esse aluno. Assim, indica-se que o presente artigo é uma pesquisa qualitativa, foi aplicado um questionário para 5 (cinco) professores de uma Escola Municipal de Educação Básica. Contou-se também ainda com dados coletados durante as atividades do PIBID (Programa de Iniciação a Docência) e entrevista com a professora responsável pela sala AEE (Atendimento Educação Especial). Sob esta perspectiva Ramos (2017) pautado em Gerhardt e Silveira (2009, p.31) estabelece que:

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização. A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não pode ser quantificado centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais.

Essa perspectiva aponta um conjunto de caminhos que visam não só direcionar a ação do pesquisador, mas de explicitar a objetividade da realidade em suas propriedades fundamentais e elementares, como defende Triviños (1987). Isso porque a realidade a ser pesquisada consiste em superar suas formas aparentes para explicitar o desenvolvimento do fenômeno, sua natureza social e cultural, em outras palavras, o movimento de sua existência. E ainda de acordo com Triviños (1987 p. 66) a entrevista consiste em: “O estudo de caso é simples quando a análise é quantitativa, a análise quantitativa, pode ter apoio quantitativo, mas geralmente omite a análise estatística ou o seu emprego não é sofisticado.”

Também Triviños (1987p. 146) implica em que:

[...] queremos privilegiar as entrevistas semiestruturado porque está ao mesmo tempo valoriza a presença do investigador oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessária, enriquecendo a investigação,

As entrevistas semiestruturadas poderão ser realizadas com os professores que atuam com um ou mais alunos com grau de deficiência “Autismo”. Ainda outro instrumento que balizará a coleta de dados será a observação livre. Segundo Triviños, a observação possibilita (1987, p. 153-154):

A observação livre, [...] satisfaz a necessidades principais de pesquisas quantitativas, como neste caso, a prática se manifesta do mesmo a ausência total e parcial de estabelecimento de pré categoria será e um processo que se realizara posteriormente no processo de análise do material coletado.

Triviños (1987) define o diário de campo não é somente um registro do observável. Ele permite também um momento de “lapidação” do pesquisador de informações relevantes. O que motivou a pesquisa apesar de que no século XXI encontramos dificuldades com relação à inclusão de alunos portadores de deficiência no ensino. Contudo Marcone e Lakatos(1986, s/p):

E através da observação que o pesquisador obtém ajuda ao identificar e obter provas as quais tem consciência e orientação em seu comportamento. Desempenhar papel importante no processo observacional no contexto da descoberta e abriga o mesmo obter um contato mais direto com a realidade na escola.

Nesse sentido, a pesquisa busca resolver a problematização proposta explicitadas seguintes questões: Quais as práticas pedagógicas dos profissionais da educação com crianças autistas nos anos iniciais do ensino fundamental da escola pública de Sinop? Quais as condições que ocorrem as práticas pedagógicas com alunos autistas?

A presente escola foi escolhida pela facilidade de informações, no qual venho coletando informações desde ao início das atividades do PIBID. Como passo seguinte foi aplicado junto aos professores questionários, que buscavam indicar como se dava a inserção do aluno autista na sala de aula, as dificuldades encontradas nas práticas pedagógicas.

Para tal esclarecimento, será mantido o anonimato dos professores que participaram da entrevista, no qual os mesmos serão intitulados (Professoras: A, B, C, D e E).

5 CONFRONTANDO A TEORIA COM A PRÁTICA: discussões e análises

Neste capítulo realizamos a discussão das análises dos dados coletados, confrontando as implicações pedagógicas com crianças autistas, orientando-se pelo questionário e entrevistas realizadas. Partindo de alguns pressupostos fizemos as seguintes questões:

(01) Professora A: Num primeiro momento foi possível notar a angústia de algumas professoras.

A professora A relata que muitas vezes o suporte é falho, e o que se encontra na rede de ensino são professores não preparados. Porém, já de acordo com o relato de:

(02) Professora C: Os professores que almejam se qualificar muitas vezes procuram cursos preparatórios em plataforma online.

Foi feita essa mesma pergunta para a professora responsável pela sala do AEE e ela mesmo confirma em que há uma falta de apoio da Secretaria Municipal

(03) Professora C: Preparadas eu acho que nunca está, não é um caso específico como dizer que a escola vai se adequando conforme vai chegando esses alunos até mesmos os outros ditos normais também necessitam de um estudo para saber como você vai lidar com os alunos portadores de algum transtorno e o mais complicado a gente também tem que se preparar muito.

Mediante a esses relatos, é evidente que os professores da Rede Municipal não recebem uma formação por parte do município. Papim e Sanches (2013, p. 11) afirmam que:

O professor para estar apto para receber a demanda de alunos com autismo, gerada pelo processo de inclusão na Rede Municipal de Ensino, deve receber formação específica teórica e prática, para lidar com as situações do dia-a-dia. Então, diante desta dimensão, ele poder gerir adequadamente a série de dificuldades enfrentadas na prática pedagógica com a criança e com o autismo.

Portanto, é necessário que haja sim, uma formação/qualificação para os profissionais da educação, tendo em vista que o professor é um sujeito fundamental para a construção do conhecimento pedagógico do aluno. O professor ter em mente de que forma poderá trabalhar com o aluno autista, mas que o mesmo compreenda os recursos que há disponível na sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE). Com a base no relato da professora

(04) Professora C: Há materiais que desenvolvem as percepções motoras, coordenação e que mediante a necessidade os professores ainda confeccionam mais trabalhos.

(05) Professora E: Além dos materiais disponíveis na sala de recursos os professores usam de criatividade confeccionando materiais pedagógicos para trabalhar com esses alunos conforme cada necessidade.

(06) Professora AEE: Muito além dos materiais utilizados com os alunos do TEA, e a postura dos profissionais da educação envolve de acordo com a realidade da escola os materiais são recursos necessários para aquisição de conceito. Os materiais na sala do AEE na maioria das escolas que vem dos recursos federais se bem que a nossa escola é uma das mais antigas da rede municipal, mas depende do profissional trabalhar com os materiais que tem, não adianta ter o melhor material e não saber aproveitar saber trabalhar com eles os nossos materiais são adequados sim ai vai do profissional trabalhar.

Foi possível entender que os professores efetuam uma certa adequação nos conteúdos trabalhados com o aluno autista. E de acordo com Coudry (2001, p. 77), “o professor deverá variar a cada momento suas estratégias pedagógicas, não porque o aluno é especial, mas sim, porque o professor deve proporcionar aos alunos situações de aprendizagem mais próximas dos interesses dos alunos”.

(06) Professora D: No convívio com outras crianças, a relação de afetividade irá variar conforme o grau do autismo, pois o autismo caracteriza-se como um distúrbio

na questão de aceitação de regras de convívio. Em alguns casos, são agressivos, no entanto, quando trabalhado com o autista, de modo em que ele perceba e reconhece as outras crianças como amigas, a relação de afetividade terá bons resultados, conversar com os demais alunos afim de explicitar a elas o que é o autismo, como a criança se relacionam e também suas limitações, auxiliar na adaptação da criança diagnosticada com autismo ou outra deficiência na sala regular de ensino.

Para que não haja discriminação é importante que tenha um trabalho em coletivo entre escola e família. Como afirma Lima (2006, p. 27):

A forma como a sociedade interage com as pessoas com deficiência se modificou e vem se transformando ao longo da história. Muitos foram considerados incapazes, inválidos, inferiores, antes que fossem vistos como cidadãos de direitos e deveres [...]. Somente com a modificação da sociedade, propiciada pela interação com as pessoas com deficiência, é que se pode vislumbrar uma sociedade mais fraterna e cooperativa.

Portanto, é de suma importância que o professor seja mediador entre a criança autista e os demais, para que assim ocorra uma convivência harmônica entre os alunos, e que a professora incentive principalmente que os demais alunos tentem ajudar, ainda mais nos momentos do intervalo, no qual a aproximação com os demais educandos é de extrema importância.

6 CONCLUSÃO

No decorrer desta pesquisa verificou-se que de acordo com a lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996 (LDB), conforme o Art 58. É de competência de toda instituição de ensino matricular todo aluno, cabendo a ela se organizar e assim oferecer uma educação de qualidade para todos, inclusive alunos com necessidades especiais é de suma importância que o professor consiga entender a dificuldade de cada aluno e assim buscar cada vez mais recursos e materiais adequados que possam ajudar no desenvolvimento destes alunos, e poder contar com o apoio das famílias e buscar estabelecer parcerias e interagir com eles.

Valorizando a capacidade de cada aluno e assim garantir seus direitos de acesso à educação com qualidade. Devem buscar constantemente conhecer, entender, e trabalhar com dificuldades encontradas no processo de ensino

aprendizagem destes alunos, visando acima de tudo contribuir com o desenvolvimento integral dessas pessoas.

EDUCATION AND THE AUTISTIC CHILD

ABSTRACT²

This article discusses the difficulty faced by the Education professional towards the Autistic Child. It aimed to understand autism and the right to include these students in a school unit in the municipality of Sinop, MatoGrosso. The methodologies had qualitative approach through questionnaires for teachers, students and their family members. The results pointed out that it is a school duty to enroll all students, regardless degree of difficulty that may exist, and it also is up to school to organize and offer a quality education for everybody.

Keywords: Special education. Autism. Student. Teacher.

REFERÊNCIAS

ALVES, Teresa C. Duarte. **A Inclusão de Crianças Autistas no Ensino Regular**. 2002. Disponível em:
<<http://www.avm.edu.br/monopdf/6/TERESA%20CRISTINA%20DUARTE%20ALVES.pdf>> Acesso em: 17 jan. 2018.

BRASIL. LDB E LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL. Decreto 9.394 de 20 dezembro de 1996. Brasília. Disponível
<<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/11687013/artigo-58-da-lei-n-9394-de-20-de-dezembro-de-1996>>. Acesso em: 17 jan. 2018.

COUDRY, M.I.H. **Diário de Narciso**: discurso e afasia. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LIMA, P.A. **Educação inclusiva e igualdade social**. São Paulo: Avercamp, 2006.

² Resumo traduzido pela Professora Mestre Betsemens B. de Souza Marcelino. Professora Interina do Curso de Letras da UNEMAT/Sinop/MT. Mestre em Estudos da Linguagem pela UFMT/Cuiabá. Graduada em Licenciatura Plena em Letras Português/Inglês pela UNEMAT/ Sinop.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. São Paulo: Atlas, 1986.

PAPIM, Angelo Antonio Puzipe; SANCHES, Kelly Gil. **Autismo e inclusão**: levantamento das dificuldades encontradas pelo professor do Atendimento Educacional Especializado em sua prática com crianças com Autismo. 2013. 84 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação Psicologia)- Centro Universitário Católica Salesiano Auxilium – UNISALESIANO, Lins, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.unisalesiano.edu.br/biblioteca/monografias/56194.pdf>> Acesso em: 18 jan. 2018.

PROFESSORA A. **Professora A**: depoimento [nov. 2017]. Entrevistadora: Sueli Regina Ramos. Sinop, MT, 2017. 5 f. Questionário concedido para o trabalho de conclusão de curso sobre As Dificuldades Encontradas Pelo Professor Frente ao Aluno Autista.

PROFESSORA B. **Professora B**: depoimento [nov. 2017]. Entrevistadora: Sueli Regina Ramos. Sinop, MT, 2017. 5 f. Questionário concedido para o trabalho de conclusão de curso sobre As Dificuldades Encontradas Pelo Professor Frente ao Aluno Autista.

PROFESSORA C. **Professora C**: depoimento [nov. 2017]. Entrevistadora: Sueli Regina Ramos. Sinop, MT, 2017. 5 f. Questionário concedido para o trabalho de conclusão de curso sobre As Dificuldades Encontradas Pelo Professor Frente ao Aluno Autista.

PROFESSORA D. **Professora D**: depoimento [nov. 2017]. Entrevistadora: Sueli Regina Ramos. Sinop, MT, 2017. 5 f. Questionário concedido para o trabalho de conclusão de curso sobre As Dificuldades Encontradas Pelo Professor Frente ao Aluno Autista.

PROFESSORA AEE. **Professora AEE**: depoimento [nov. 2017]. Entrevistadora: Sueli Regina Ramos. Sinop, MT, 2017. 5 f. Questionário concedido para o trabalho de conclusão de curso sobre As Dificuldades Encontradas Pelo Professor Frente ao Aluno Autista.

RAMOS, Jéssica P. V. dos Santos. **A inserção da tecnologia no cotidiano escolar**: possibilidades e desafios. 2017

RODRIGUES, J. M. C.; SPENCER, E. **A criança autista**: um estudo psicopedagógico. Rio de Janeiro: Wak, 2010.

SANTOS, Antonia de Fátima de Sousa da. Educação Inclusiva desafio para professores na rede regular de ensino. **Web Artigos**, 2010. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/educacao-inclusiva-desafio-para-professores-na-rede-regular-de-ensino/65869/>>. Acesso em: 31 jan. 2017.

SCHWARTZMAN, J. S. **Autismo infantil**. São Paulo: Memnon; 2003.

TRIVINÕS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

Correspondência:

Sueli Regina Ramos. Graduanda do Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem, Universidade do Estado de Mato Grosso, Sinop, Mato Grosso, Brasil.
E-mail: suregina.ramos@gmail.com

Recebido em: 03 de maio de 2018.

Aprovado em: 28 de maio de 2018.